

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

Anno VII. — N.º 4.

PARIS, 20 DE FEVEREIRO DE 1890

Escripторио em Paris, 13, Quai Voltaire.

400 réis cada numero.



O CONFLITO COM A INGLATERRA — A ESTATUA DE LAMORÉS, DA NOVA MÍDIA, NO BRÉS

CHRONICA RIMADA

Eu tinha ha dias sonhado
— Os sonhos são ilusões —
Ter o tesouro afamado
Do Monteiro dos milhões.

Sonhara ter equipagens
Dos mais róliços coxins,
Ter as ordens lindos págens,
E no Tejo bergantins.

Virgens de pureza rara,
Com attestados civis,
Pra meu serviço mandara
Vir dos harem de Paris.

E quando estas descobriam
As fórmulas correctas de amphora,
Tristes eunuchos sorviam
Grossas pitadas de camphora.

Minha triste mortadela
De pacato funcionario,
Tinha a riqueza, a alegria,
De Crésus — o millionario.

E eu tinha ares sobranceiros
De Cesar, de Carlos quinto...

Tinha a porta alabardeiros
Da altura do Costa Pinto.

Sob o balcão rendilhado
Vinha cantar serenatas
Romeu, o bom namorado,
Com um cortejo de gatas.

E, do peitoril, a minha
Mão gentil e generosa,
Deitava a triste sardinha
Envoltu em folhas de rosa.

Em S. Carlos as artistas
Eu pagava meu tributo,
Dando, mas sem dar nas vistas,
Taças de Benevenuto.

E as catitas dançarinhas
Que, por mím, formavam brigas,
Mandava, pobres meninas,
No Natal um par de ligas.

Doze Cupídos vestindo
Casaca azul e escarlata,
A' scena iam conduzindo
Meu amor n'um açafo.

Dava cejas ruidosas.
De iscas da rua das Pretas,
Assados de mariposas,
Saladas de violetas.

Quinhadas, por fim, as taças
Sentava-se ao piano... Théâto,
E dançavam as tres Graças
Co' as mãos periquitiétes.

De feliz Sardanapalo
Era uma vida risonha...
Mil coisas de que não fallo
Iá agora... por vergonha.

Ninguem sóthiara tamantua
Ventura, que eu hoje arranco...

Tinha um bilhete de Hespanha...
Anda a roda... Saiu branco.

Dezembro, 1889.

C. de Moura Cabral.



AS NOSSAS GRAVURAS

O conflito anglo-português.
A estatua de Camões.

A NOSSA gravura representa a patriótica manifestação que teve lugar em Lisboa, depois do ultimatum do gabinete de Saint-James.

Os estudantes e o povo do capital dirigiram-se ao largo de Camões, e foram envalvar de crepes as figuras que ornam o pedestal da estatua do grande épico, em sinal de lucto pela afirmação que o nosso querido paiz havia recebido da Inglaterra.

Esses crepes ficaram confiados à guarda do povo, do exército, da marininha e da mocidade académica, e serão considerados como covardes ou traidores à pátria aquelles que ousarem arrancá-los dali.

Esta manifestação causou a mais profunda sensação não só em Lisboa e em todo o paiz, mas até em todo a Europa. Os jornaes extrangeiros referiram-se a ella largamente, e os jornaes ilustrados publicaram curiosas gravuras representando esta cena altamente patriótica.

Effectivamente o aspecto actual da estatua de Camões, toda envolta em crepes, causa umavissíssima impressão; e n'aqueles crepes, na ideia que presidio aquella manifestação, sente-se o acordar da alma portuguesa, — advinha-se que uma grande transformação ou uma grande revolução se acha eminente.

O momento é dos mais graves; e oxalá que os partidos monarchicos saibam ver a tempo o que é que a nação quer, para não cahirmos n'algum conflito interno, com consequências talvez que fustas...

E' necessário que os partidos monarchicos se convergem que os seus modos de governar se acham desacreditadíssimos. E que acima da bambochata eleitoral, d'uma eleição em Mangualde ou de transformação d'um escrivão de fazenda, ha uma coisa mais digna e mais nobre: a dignidade e o brilho da nação portuguesa!...

Recordações da Exposição

Os nossos leitores, os que vieram a Paris como aquelles que não puderam vir à Exposição, continuam a ver com prazer alguns dos aspectos da maravilhosa festa com que a República francesa asombrou o mundo, durante o anno de 1889.

E' por isso que a *Ilustração* continua fazendo a história ilustrada de todos os aspectos, tanto do Campo de Marte como da esplanada dos Invalidos, ficando assim o público com o mais interessante album que existe em língua portuguesa.

Hoje mostramos dois lados pittorescos da Exposição — os bueiros fritos da rua do Cairo, e os muios aragoneses do pavilhão hispânico do Orsay.

Lançando um olhar retrospectivo sobre toda a Exposição, podemos afirmar que os maiores sucessos de pittoresco cobraram à Hespanha e ao Oriente. E temos também cabido a Portugal, se por acaso a nossa exposição tivesse sido organizada com mais inteligência e mais patriotismo, se os ssrs. burocratas tivessem seguido os planos de Raphel Bordallo Pinheiro.

Mas ossos, burocratas é que impunham a sua vontade, desprezando as indicações dos artistas. Felizmente que o domínio da burocracia está expirando em Portugal, e que a consciência pública indigna-se com tanto em breve esses contígos do Reino do Fisco, esses covis de insignificantes e de mandruos que durante tantos annos tem aviltado o nosso paiz!

Como estamos longe dos burriqueiros de dia do Cairo e dos músicos aragoneses!

Os burriqueiros faziam o serviço de conduções

em toda a parte exótica da Exposição. O nosso desenho, que traz a assinatura do ilustre Vierge, representa o interior das cavallanças, que foram vistos pelos parisienses com tanta curiosidade como qualquer outro interior exótico.

Os muios aragoneses cantavam num estrado em frente do pavilhão hispânico do cais d'Orsay, a dois passos do pavilhão português. As suas musicas, os seus cantares e os seus bellos tipos de camponeses eram imensamente admirados por todos os visitantes da Exposição de Paris.

Theatros de Paris. — Joanna d'Arc

O grande sucesso teatral de Paris tem sido a representação na Porte Saint-Martin do drama lirico *Jeanne d'Arc*, versos de Jules Barbier, musica de Ch. Gounod.

O papel da protagonista é desempenhado por Sarah Bernhardt, e não é facil dar uma ideia, a quem não vir a peça, dos prodigiosos efeitos scenicos da grande actriz, dos mil recursos dramáticos de que dispõe, do modo como representa Jeanne d'Arc, deslo o tipo do pastor até ao tipo da mulher guerreira, à frente dos exércitos, até ao tipo do martyr na prisão, e sobre a foguera dos inquisidores.

Esta nova criação da eminente tragica é, segundo a opinião da critica francesa, superior a todas as criações de Sarah Bernhardt, superior à *Theodora* e mais à *Tosca*. N'uma figura tão complicada e tão cheia de nuances, como é a figura legendaria de Jeanne d'Arc, Sarah Bernhardt descoloriu as mais imprevistas interpretações de sentimento, de simplicidade, de energia, de heroísmo e de martyrio... E é com as lagrimas nos olhos que todos os espectadores da Porte Saint-Martin assistem à guerra que os inquisidores transcurram contra Jeanne d'Arc, às scenas da prisão e à scena terrena do supplicio da foguera.

Nos mostramos pela gravura a scena em que a pastora Jeanne d'Arc ouve as vozes do céu aconselhando-a a deixar o ninho paletino e a ir salvar a França, combatendo contra os ingleses. A scena do cortejo depois das vitórias contra os ingleses; Joanna d'Arc na prisão, e Joanna d'Arc na foguera.

Por estes desenhos poderão os apaixonados do teatro ver os diferentes tipos que Sarah Bernhardt nos apresenta, e com que ella brevemente maravilhou o mundo inteiro. Porque a *Jeanne d'Arc* será a única peça da sua proxima tournee na Europa e na America.

Mezes ilustrados. — Fevereiro

O nosso elegante desenhoador Habent Dys mostra-nos hoje uma phantasia sobre Fevereiro. E' o interior d'uma cozinha francesa, onde uma mulher do campo está fazendo crepes. As crepes são o prato obrigatório em todos os sobremesas; apenas se aproxima o carnaval. As crepes caracterizam o mês de Fevereiro, e são exactamente, pelo sabor e pela forma como são feitas eguais ás nossas *farinhas*.

Mas as crepes não só se fazem em todas as casas de província, mas também em todas as casas de Paris. Enquanto que as nossas *farinhas* já rareiam na nossa província, chegaram as vés em Lisboa, pela simples razão de que não é chão de que não é prato da moda e dos salões!...

E assim vamos com o chic, cabendo de imbecilidade em imbecilidade, até perdermos todo o carácter português.

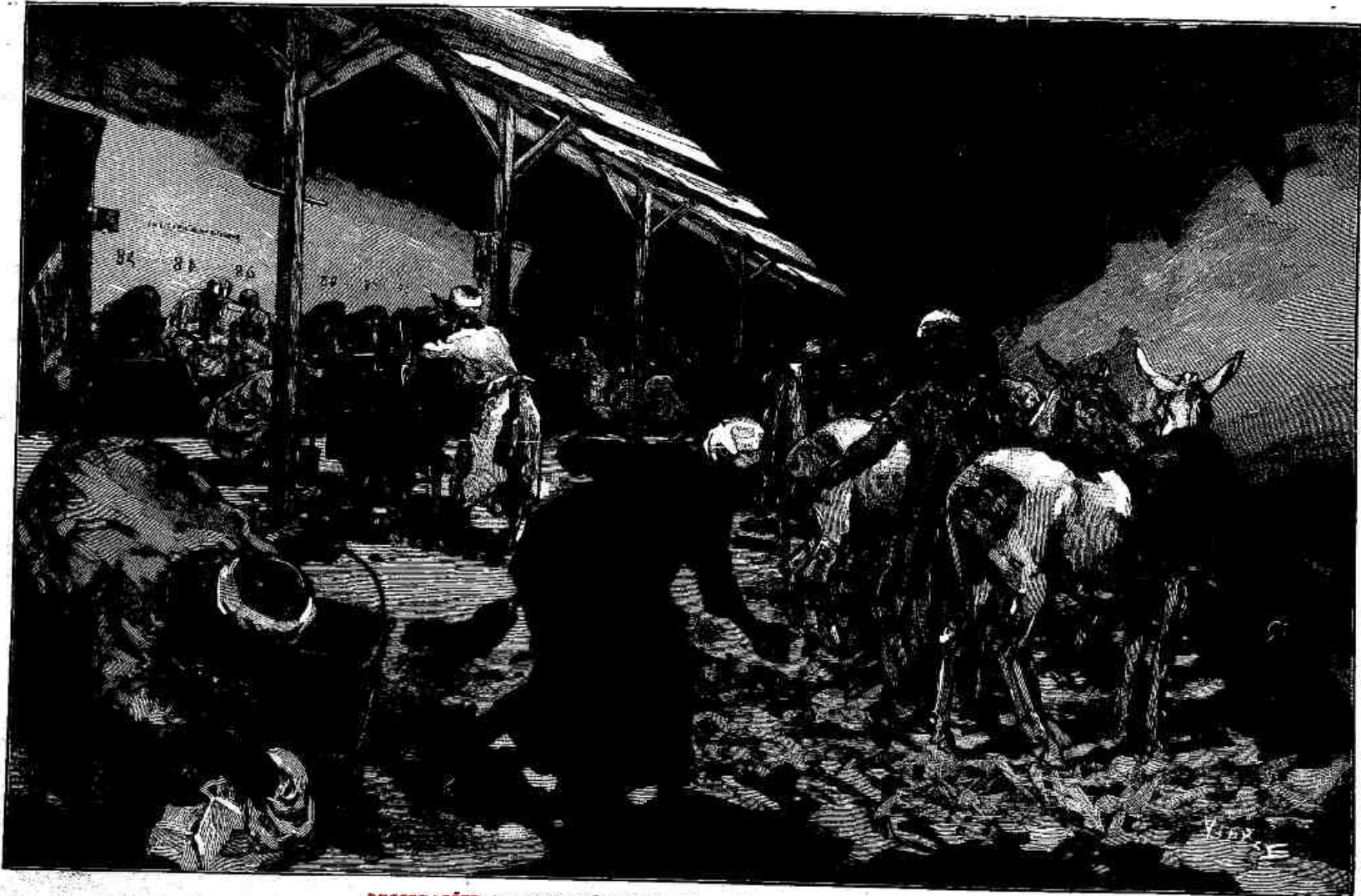
Felizmente que aquelles que não pertencem ao mundo chic acordaram, e estão decididos a varrer os imbeciles... Ainda bem!

Bellas-Artes. — Manhã de festa em Veneza

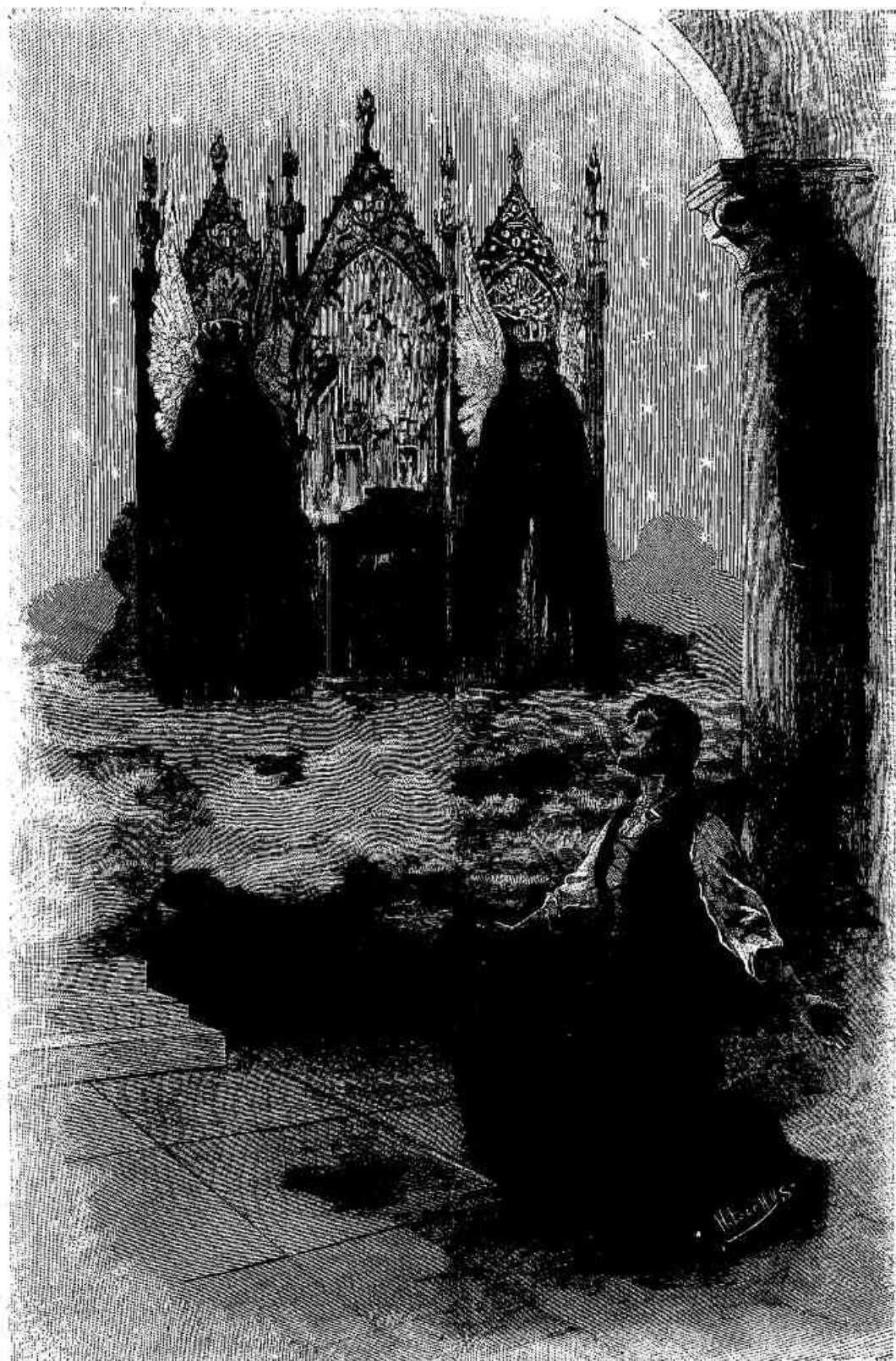
O sr. Wagner é o pintor veneziano por excellência; sabe do cor o Grande canal, o Rialto, a praça de São Marcos, os canais e o resto, e a força de investigações e de estudos faz reviver aos nossos olhos a Veneza antiga.

Restaura os palacios em ruina, descora-os, mobila-os, esfeita-os e faz viver dentro d'elles os ricos senhores, os brilhantes dalmatares, as belas damas de ricos costumes, etc.

Na sua *Manhã de festa em Veneza* o notável pintor mostra-nos o embarque d'uma jovem patrícia, com as gondolas do tempo, os fatos do tempo e a scenografia do tempo. Tudo isto é impregnado do mais delicado e mais puro arcaísmo, e mesmo com a maneira dos pintores da época.



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — Os buriquinhos da RUA DO CAIRO.



THEATROS DE PARIS. — SARAH BERNHARDT NA « JOÁXNA D'ARC. »

A gravura do nosso ilustre collaborador Baude, dotada de tamanha finura, não nos pode mostrar a car do quadro, os tons alegres e brilhantes que deslumbram e encantam, mas produz um magnifico efeito, respeitando escrupulosamente a forma.

A pintura e a gravura concorrem pois para fazer deste lindo assunto uma verdadeira obra d'arte.

Esta pagina artistica é uma das mais brilhantes que a Ilustração tem oferecido aos seus leitores.

Celebridades parisienses. — Francisque Sarcey.

No presente numero falamos de theatros, falamos de Sarah Bernhardt. Parece-nos pois interessantissimo mostrar aos apaixonados do teatro a physiognomia do famoso critico dramático do *Temps*, Francisque Sarcey, o critico que tem maior fama tanto em França como em toda a Europa.

Francisque Sarcey que era um obscuro professor de província apesar de ter feito brilhantes estudos na Escola normal de Paris, no tempo de Taine, de Prevost Paradis e de Edimard About, começou a ensinar a critica dramática nos journais onde colaborava o seu amigo About, e depois com mais assiduidade no *XIX. siècle*.

Foi d'aqui que elle passou para o *Temps*, onde de mais de quinze ou vinte annos todos os domingos escreve um longo folhetim sobre os acontecimentos theatraes da semana parisense.

Depois de ter sofrido muita critica e muita injustiça dos intransigentes e dos anarquistas literarios de Paris, considerando-o como um vil burguez sem opiniões, sem gosto, e sem estheticas, — Francisque Sarcey encontra hoje o respeito e a veneração de todos os novos e bellos espíritos de França, como Jules Lemaitre, Paul Bourget e Anatole France, que não hesitam em chamar-lhe mestre...

A nossa gravura representa Francisque Sarcey na sua sala de trabalho, rodeado de todos os seus livros.

É um interior vasto, de maxima simplicidade, tendo uma galeria superior constituindo o 2º andar da sua biblioteca.

Francisque Sarcey, como todos os escriptores franceses, trabalha pela manhã, das sete horas ao meio dia.

Escreve no *Temps* o seu folhetim hebdomadário, e além disso collabora na France, no *XIX. siècle* e em diferentes revistas de critica.

Os seus ganhos literarios avaliam-se entre nove e doze contos de reis por anno.



JOANA D'ARC EM RIMA, EM SUCIDA A COROAÇÃO.

A TRAVEZ DE PARIS

Uma impressão consoladora. — A necessidade de direção. — Um perigo a evitar. — Um bom crime. — Requisitos indispensáveis. — Um curioso exemplar. — Richebourg, naturalista.

PARIS ocupou-se de nós durante a ultima quinzena e da mais agradável maneira. Não houve um único jornal que nos mostrasse hostil. Tivemos como se diz em *angol* theatrical uma boa *imprima*. Infelizmente, todas estas manifestações de sympathia são d'um platonismo desesperador. Ainda que a França intitulasse o *gendarme de Deus*, e acudisse *flamberge au vent, onde ouvia gritos de socorro*. Hoje continua a exprimir a sua compunção pelo assassinado — mas deixe o assassino trabalhar à vontade. No fundo ela tem razão. Não pediu ella, ensanguentada, esfaqueada, que lhe accudissem outrora? E não adiçaram agredir, mutilar, assassinar também?

Em todo o caso é consolador o interesse com que se legue n'este paiz o movimento de revolta e de nobre orgulho que a brutal offensa suscitou entre nós. Os nossos gritos de dor, as nossas explosões de cólera, a augusta e sublime violencia da nossa indignação despertaram em toda a parte echos de verdadeira e sincera sympathia. Pelo que soffremos com o insulto, mede-se o grau da nossa sensibilidade e a delicadeza do nosso brio. Como o velho guerreiro de Corneille, que a mão d'um brutal inimigo esbofeia, a nossa pobre patria estorce-se de raiva e de desespero ao sentir-se débil e alquebrada para a vingança. Quando nascerá do seu seio o filho glorioso, o Cid invencível e illustre, que apagará a memória do ultrage com o sangue do offensor?

Mas se, apreciades collectivamente, as manifestações de patriotismo de que tem sido teatro o nosso paiz, são tudo quanto há de mais leigismo e de mais nobre, nem por isso aos olhos dos que, mesmo nas occasões de vertigem e de alucinação, conservam a serenidade e o sangue

frío da verdadeira coragem, nem por isso se está tornando menos necessário introduzir um pouco de ordem, de disciplina e de bom gosto, n'esse mobilisaco de idéias e de aforos que a crise actual determina no espírito das massas. Nós outros, portugueses que vivemos longe da patria, e que somos, para me servir d'uma phrase conhecida, a *posterioridade contemporânea* da nossa raça, estamos admiravelmente collocados para apreciar pelo seu justo valor o alcance, o efeito e o processus d'esse movimento patrio-



JOANA D'ARC NA PRISÃO.



JOANA D'ARC NA FOGUEIRA.

tico e para discriminar n'ele o que é elevado e util do que é declamatorio e estéril. A nossa opinião de conjunto sobre esse movimento não pode ser mais sympathica e plausiva. Isso não nos impede de pensar que muita coisa se tem feito e dito que não deveria fuzer-se nem dizer-se.

Aos jornais competiria a missão de dirigir esse movimento e o que infelizmente vemos é que são dirigidos por ele. Em toda a parte a imprensa é um crivo por onde só passam as ideias realmente dignas de publicidades. Entre nós, é um césto róto onde o primeiro transeunte tem o direito de ir despejar a primeira parvoiça que lhe acorreu. D'ahi essa miscelânea impossível de protestos gêneros e de culinadas grotescas, de nobres e levantadas resoluções misturadas com lugubres farcidas. Que a imprensa exalte o nobre patriotismo do duque de Palmella reenviando com desprezo à Inglaterra a condecoração que esta lhe ofereceu, muito bem; mas que na mesma coluna se anuncie gravemente que Justino Soares não mais ensinará a polícia aos compatriotas de lord Salisbury — eis o que torna a leitura das folhas lisboetas dolorosa para os que desejariam só ter que admirar n'esta magnifica explosão de coleras fendas. E o patriota que não quer que se aprenda mais inglez teria por acaso feito correr mundo a esta sandice, se a imprensa lhe não tivesse franqueado as colunas?

Sejamos pois cordatos mesmo no ódio. Detestemos o inglez com bom senso. Lembremos de que, se nada ha mais respeitável que um nobre carácter ultrajado que só pense em lavar a affronta, não ha mais triste espetáculo que o dum furioso que a ruiva alucina e a quem a ira não inspira senão gestos desconexas e risíveis desconchavos.

••• Ora até que enfim! Temos um bom crime! Fez-se esperar, mas veiu. Desde o processo Chambige os amadores estavam no marasmo. Não aparecia nada com jeito. Paris continuava a fornecer com regularidade o seu assassinio quotidiano. Mas que pobreza de imaginação! Que vulgaridade de meios! Sempre o reles cíume ou a banal cubiga do alheio. Quanto aos departamentos um ou outro parricídio quando muito. O parricídio é a especialidade da província. Dauga e os seus nove homicídios fez durante algum tempo conceber a esperança d'uma interessante intriga judiciária. Chega o dia de julgamento — uma decepção completa. Come palpitar, como apaixonar, se uma pessoa por esse estúpido marchante de rézes humanas que elle abatia à mocada para se despojar d'alguns pobres sous, e que durante os debates se refugiou n'uma feroz negativa da evidência, do esmagador testimonho dos factos, d'onde nunca mais sahir nem mesmo em frente do cutilo da guilhotina! Impossível, não é verdade? O parisiense é um gourmet demasiado fino para se deliciar com essas grossas chouricadas sanguinhas.

O que elle quer é o drama passionnal e re-quintado, o enredo mysterioso que se desenrolha pouco a pouco, entre surpresas e giros de teatro, e sobretudo a revelação de casos excepcionais, de atrocidades ineditas, de imprevisões perversões. Por isso nada ha mais raro do que um bom crime. Os jornalistas judiciares possuem para isto um faro extraordinário, e quando eis declararam: — Cá o temos! — é porque lá o tem. Ora d'esta vez todos ás uma exclamaram: *Nous le tenons!*

••• Para que um crime seja um bom crime, é necessário em primeiro lugar que se perpetre em Paris. O crime provinciano, com raras exceções, não inspira interesse, participa do realismo inherent às modas atraçadas, às intrigas de campanário, às invejasinhos da vida estreita, aos chapeus de coco, aos vícios de pronúncia e no-

desastramento geral das coisas e dos indivíduos. O drama Chambige fez exceção à regra em virtude da notoriedade dos personagens e da violência passionnal que o determinava. Mas em regra o parisiense só se interessa pelo que passa dentro do recinto das fortificações. Se queres pois ser um assassino celebré, assassinao para c' da porta Maillet.

A outra condição, mas essa *sine qua non*, d'um bom crime é que a mulher represente n'ele um papel qualquer. Um crime exclusivamente masculino não presta. Zaccione desdenha-o. Montepin exclama: « Affastem de mim esse calix! » A mulher eis todo o drama! Trem a mulher dos grandes processos celebres d'estes últimos dez anos, mesmo d'aqueles em que ella não foi senão uma comparsa, uma figurante do ultimo plano, supprimam Gabrielle Fenayros do crime que custou a vida ao seu amante Auber, Jeanne Blin do drama de rua de Seze; imaginem Pranzini sem as suas mysteriosas amantes, sobretudo sem aquella que lhe escrevia as mais adoráveis cartas de amor que jamais um homem recebeu d'uma mulher, tão bellas, tão vibrantes, tão femininas como as da religiosa portuguesa, e que nunca ninguém soube quem foi, a não ser a polícia que guardou bem o seu segredo d'essa voz; eliminem Mauricette Couronneau da odysseia aventureira de Prado; e verão o que fica de todas essas tragedias palpitantes, terríveis, que fizeram tremer Paris de alegria, de pavôr e de interesse febril.

A mulher é pois indispensável n'um bom crime. O perturbante mysterioso da feminilidade, o enigma insolvel da alma mulheril, as suas contradições, os seus absurdos, os seus gritos de amor, de ódio, ou de lascivio, as suas trações impudentes, os seus sacrifícios sublimes, o imprevisto, o irregular, o surpreendente dos seus actos, a mobilidade dos seus afectos e das suas impressões, são outros tantos elementos de interesse e de estímulo para a curiosidade do público. E o drama que em breve se vai desenrolar no tribunal d'assises promete satisfazer até à saciedade os amadores de sensações requintadas e de especiações inconditarias.

••• Nada com efeito mais curioso, mais sugestivo do que esse singular tipo de Gabriella Bompard.

O que é ella afinal de contas? Um monstro? Uma hypnotica? Uma inconsciente? Uma desequilibrada? Tudo n'ella é extravagante, imprevisto, fora do comum. Eyraud propôs-lhe armár uma cilada a Gouffé, na qual ella deve representar o papel de Maguelonne no *Roi s'amuse*, Gabriella accede alegremente à ideia. Ei! os no quarto, hoje celebre da rua Tronçon Ducoudray a dois passos da Magdalena. Gouffé, sempre galante, toma-a sobre os joelhos e fecha-lhe os labios com um beijo. N'isto Saltabadil, isto é, Eyraud surge, enlaça-lho o pescoco com as mãos de ferro e estrangula-o com tal fúria que lhe quebra a larynge. E Gabriella quem conta entre risinhos a horrível cena ao juiz de instrução: — « Oh! se visse a careta que elle fazia! » conclui ella em uma gargalhada.

Poder-se-hia suppor que Eyraud exercia sobre ella uma dominação absoluta. Mas não é assim. Em Nova York, Eyraud encontrou um frances já idoso, rico, que faz olhos doces à sua amante. Occorre-lhe logo a ideia de *refaire le coup*.

Mas d'esta vez Gabriella resiste. Garanger soubera agradar-lhe e a mesma criatura, que friamente se prestava ao assassino de Gouffé, que elle era indiferente, riega-se agora a collaborar n'uma cilada contra o homem que ella ama. Eyraud furioso passa uma noite inteira a moel-a com paneadas, sem conseguir decedil-a. No dia seguinte, Gabriella foge de casa e vai contar tudo a Garanger que a traz para a Europa e a convence a ir confessar ao juiz de instrução o crime commetido:

No seu carcere, Gabriella passa os dias a tagarelar e a rir. Não parece ter a menor ideia

da responsabilidade que pesa sobre si: Os seus despoimentos são obras de alta phantasia, semelhantes de contradições facetas, de galaticas, de olhares maliciosos, de gargalhadas de crença. O juiz de instrução, um grave homem, nunca se viu em similhante festa. Imaginem um austero magistrado inquirindo um ouistiti.

••• Uma das coisas curiosas d'este crime é o modo por que elle foi perpetrado. A casa da rua Tronçon-Ducoudray é habitada em todos os andares, tem um porteiros. A rua é frequentada. E todavia poude um homem ser assassinado n'essa casa e n'essa casa, ás 8 ou 9 horas da noite, sem que um grito, o ruido d'uma luta, despertasse a atenção d'um vizinho ou d'um transeunte. O cadáver fica uma noite inteira dentro da famosa malla, e, detalhe horrivel, Gabriella dorme essa noite com o assassino a alguns passos do morto. No dia seguinte a malla é removida para fora e transportada, como qualquer malla honesta á estação do caminho de ferro. Tudo isto se passa com um absoluto socego, em pleno coração de Paris, a dois minutos dos boulevards! Mas se isto é assim, passo a considerar o *Rocambole* como a obra prima do naturalismo e os folhetins completos do sr. Richelbourg que teremos de ir procurar o *documento humano*, grato aos manos de Goncourt. Mas não é tudo ainda. Quem é que de hora em diante ousará aceitar uma entrevista de amor? Foi-se a confiança. Ora sem confiança os senhores bem sabem o que acontece em tais ocorrências. E um desastre!

GIESS.



A ESTATUA DE CAMÕES

O cantor dos varões assinalados
Que passaram além da Taprobana,
Vendo aquelles que amou hoje ultrajados
Pela audacia da atroz gente britana;
Do erguido pedestal levanta brados,
Que acordam na grande alma lusitana
Os brios dos heroes que edificaram
Novo reino que tanto sublimaram.

— Filhos de quem cantei a fama e gloria,
Defendei dos avós a nobre palma,
Se conservaes ainda na memoria
As estrofes d'amor que arranquei d'alma!
Vossa justica ao mundo é já notoria,
Mostrae-lhe o nobre ardor que não se accalma...
De que soubestes dar ao mundo exemplo,
E a que eu ergui no meu poema um templo!

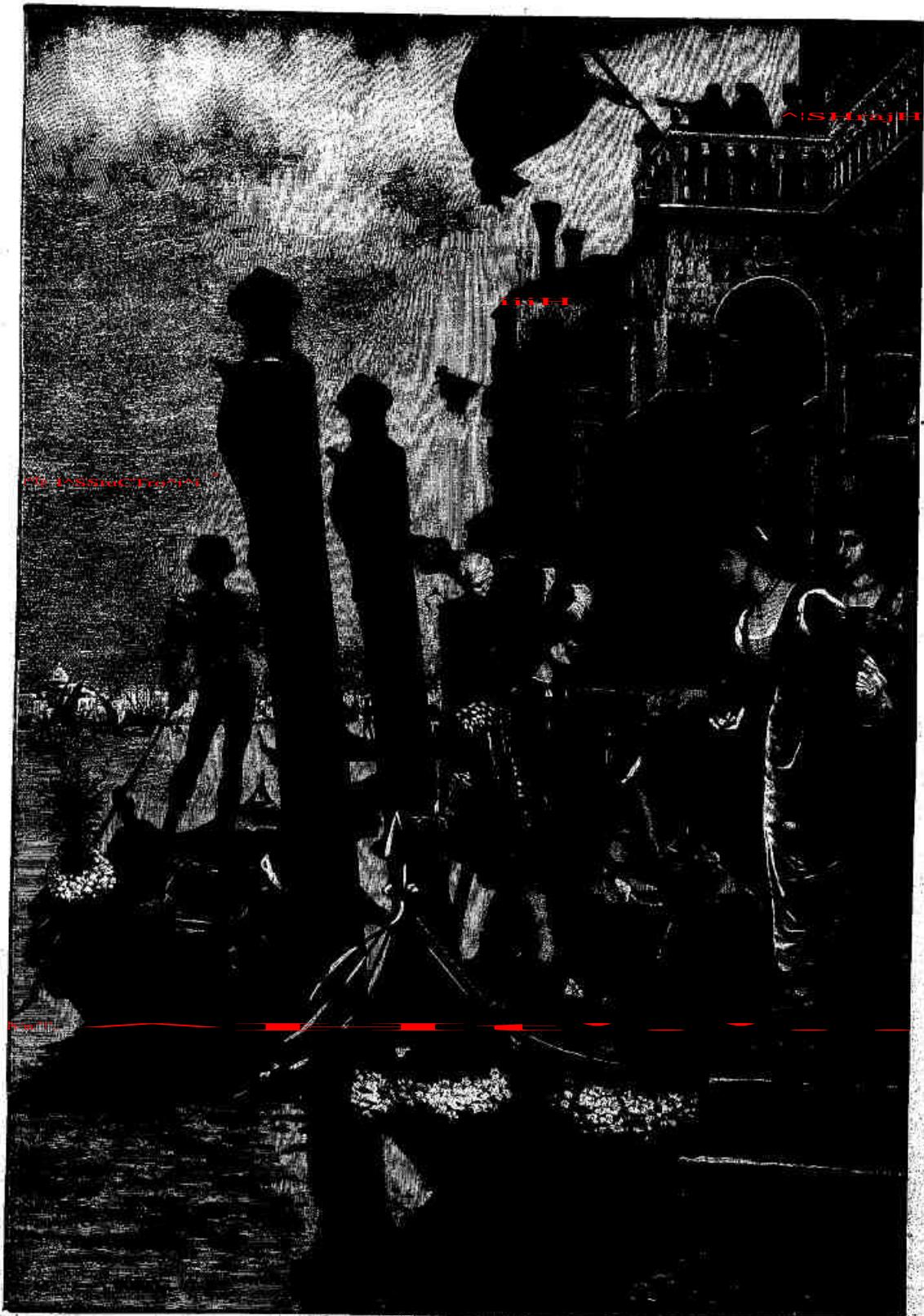
Se não tens, patria minha, um Castro forte
Que opponhas contra as fúrias da insolencia,
Inda tens Serpa Pinto expondo à morte
Portugues coração de nobre essencia!...
Portugal! ergue as almas n'um transporte
De patrio amor, de santa independencia,
Que só é digno de laurel eterno
O que defende o ninho seu paterno!

E a estatua de Camões levanta o braço
Sobre o seu pedestal, firme e direito...
Uns echos surdos vão galgando o espaço
Produzindo nas almas mágico effeto.
Todos se dão um fraternal abraço,
Ha um grito geral em cada peito:
— Desprezar o que quer lançar na lama
Os brios que um Camões ergueu á fama.

J. I. d'ARAUJO.



OS MEZES ILLUSTRADOS. — FEVEREIRO.



BELLAS-ARTES. — MARCHA DE RESENTIMENTO (SÉCULO XV).



O ULTRAJE

DESDE que o tratado de Methuen nos atraiu à Inglaterra, juntando-nos a essa famosa aliança que ficara celebrada nos fastos da Humanidade como um dos mais perfeitos e rematados exemplos de *hypocrisia política*, desde esse desgraçado dia da nossa escravidão económica — foi agora, no anno da graça de Nosso Senhor Jesus Christo de 1890, que pela primeira vez a *faidatida*, pondo de parte os seus interesses, nos prestou o único serviço real e verdadeiro que se possa notar na historia das nossas reciprocidades relações! O insulto britânico foi um raio da *graca divina*, uma d'essas *miraculoses intervenções* da Providencia ou do Acaso, nos destinos incertos e na vida abalada dos povos decadentes e enfermos. O inseto britânico foi a rude, violenta, mas salutar massagem, que nos tonificou a murecha fibra patriótica, e fez activar nas veias do paiz a circulação d'esse sangue do sentimento nacional que velhas incurias de hygiene política haviam tornado de huerto dessecado e lento! Abençoado conflito! Abençoada humilhação!

A Inglaterra podia ter cedido ante a primeira resistência do nosso patriotismo, podia ter torneado as dificuldades que se oppunham à sua cupidizade — podia reconhecendo os nossos direitos, aceitar o caminho das transacções que o nosso governo lhe queria abrir deante dos passos, e, uma vez n'ele, com o tempo, com as diligências, com as manhas e os euphemismos da diplomacia, que sabem mascarar todas as violências e dotar as pilulas mais amargas — ir lentamente, pacientemente, estendendo os tentáculos, enteando a presa, até a ter bem segura, sob a ação das exhaustivas ventosas das suas emprezas commerciais. Era lhe talvez fácil, esplanando a occasião, protelando as negociações, complicando-as, jogando com as rivalidades da nossa política interna e com os acasos da política geral da Europa, conseguir lograr-nos mais uma vez, deixando-nos nas regiões disputadas os duros ossos dos encargos de ocupação, de administração e polícia — e reservando para si a saborista medula e as succulentas viandas da exploração commercial. Uma promessa de liberdade de comércio, ou um simples benefício punitivo, invocados como compensações, e extorquidos, se não hoje, amanhã, à despreocupação d'algum governo incauto ou leviano, collocavam-nos no melhor caminho de realizar as suas cupiditas vistas.

Mas não. Pela primeira vez a Inglaterra quis ser franca e sincera comosso. Foi talvez inabitil, mas — *Seguimos-lhes justiça* — não foi hypocrita... Em lugar das tortuosas veredas do machismo, contou a direto pela estrada recta da violência demascarada. A meio da disputa apontou-nos a faca aos peitos. E' mais nobre — ou menos. Antes salteador do que ganhudo!

Pois o proveito — fico sabendo, meu crasso John Bull! — o proveito foi nosso! Muito obrigado? Obrigadíssimo! O teu muro de campeão do *box*, a tua naftida de estriparor sinistro, accordou-nos, despertou-nos, saccumou-nos da moderna em que nos deixáramos entopecer. Ressuscitante um morto com o teu insolente pompa, bravo sir John Falstaff, fanfarrão em frente de fracos, humilde em frente dos fortes! Estamos ainda a esfregar os olhos, na surpresa do primeiro momento. Mas, descansa! vamos-nos erguer, vamos desenfuntujar as articulações

ankylesadins, vamos enrijar o músculo flácido. E tu verás, sabio discípulo de Darwin, como o teu *Punah* divertido a galeria ingleza — se transforma, mesmo sem longos séculos de lentes metamorphoses evolucionistas, n'um homem ás direitas, n'um homem a valer.

Descansa, descansa! Tu mesmo has de passar da prodigio que obraste...

das nossas misérias íntimas e estreitos do vez, no tumulto da História, esta carecida miserável, que não tem já direito á vida!

O momento é solenne e decisivo. Sim ou não! Tudo ou nada! Não há meio termo possível. Toda a transigenza, toda a reconsideração, todo o affrouxamento será apenas — capacitemo-nos d'isto — uma justificação do procedimento da Inglaterra. E' preciso fechar os olhos e avançar! Para a morte ou para a vida? Pouco importa! Avante, avante! — eis o dever!

Mas é que a verdade é esta: o conflito com a Inglaterra *pode* ser para nós providencial. Ha muito que a alma portuguesa dormiu suavemente, perdida n'um sonho messianico. D'esse sonho tem tirado ella, nos momentos agudos das suas crises, todas as energias precisas para lhes resistir e para as vencer. A fé n'um imprevisível milagre, que ha-de marcar o inicio d'essa *futura vida nova*, d'esse *Quinto Império*, sonhado e suspirado desde os desastres do fim do séc. XVI, accorda e aviva-se nas horas solemnemente angustiosas da sua existencia. Em tres séculos de História não fazemos mais do que bradar: Quem nos salva? quem nos salva? Quem nos restitue a antiga força, a antiga alma, o antigo heroísmo? De tempos a tempos, na nevoa do nosso sonho, passa um vulto, surge um acontecimento aureolado n'um clarão de esperança. E semi-despertos perguntamos: Será este o Encoberto? será este o providencial improvviso? As forças voltam-nos, erguem-nos, e n'um arranço de energia, n'uma epilepsia de halucinações, parecemos renascer para a vida e para a glória.

Será um destes o momento presente? Talvez...

Talvez, não! E' preciso, é forçoso, é indispensável que o seja! Hade sei-n, para bem ou para mal! E' uma questão de vida ou de morte, uma destas questões capitais em que, um momento, se encorram e se localisam os destinos dos povos e das nações. Perante as nossas tradições, perante a nossa consciencia, perante o mundo, perante a História, nós estamos na mais difícil, na mais critica, na mais instável alternativa. Sim ou não! Tudo ou nada!

Enche-nos a alma, digam-nos francamente, este desusado movimento, este ulular de implicações violentas, estes primeiros impulsos de generosidade e de sacrifício. Em frente de todas as manifestações, ainda a mais insignificante, sentimos as lagrimas assomarem-nos aos olhos e na espinha esse calafrio das impressões dominadoras e soberanas. Ha evidentemente ainda qualquer cousa de vivo, de animado, n'este organismo que se supunha em decomposição. Este arranço de vitalidade nacional foi bello — é inegável. Mas que tremendas, que pesadas responsabilidades nos não impõe a nobilissima attitude em que nos collocamos!...

Ah! aqui é que está a contraproposta do problema: aquilo que está a pedra de toque, por onde se hade aferir o valor real dos sentimentos de que fazemos alarde!

Meditemos bem. — Tomai-nos para comosso e para o mundo um compromisso solene. Juramos desfazermos e juramos não hesitar para isso deante de sacrifício algum. Se as nossas obras correspondem a nossas palavras, se da exaltação presente soubermos fazer derivar um propósito reflectido e inabatável — estamos salvos, teremos aberto deante de nós uma era nova, teremos entrado no caminho da nossa regeneração social, expiando, na amarga humilhação do presente, os nossos passados erros, as nossas faltas, os nossos crimes de lessa patriotismo. Mas se hesitarmos, se recuarmos um passo que seja, se a nossa energia fraquejar, se o nosso impeto desfalecer, se o tempo vier intubiar as nossas resoluções, se se provar que este clarão de sentimento nacional não passou d'um fogo de palha, breve reduzido ás frías cinzas da indiferença — então envolvemo-nos no sudário

A occasião — diziam-no os antigos — é calva. Não a deixemos fugir. Temos um ensaio unico de mudar devida, de nos engrandecermos, de nos regenerarmos. Não o percais! O conflito está de pé. As alterações da política interna intentaram um momento o curso das negociações diplomáticas. Mas a questão vai surgir, um dia ou outro; e a ambição ingleza, é insaciável. E' possível que tudo se acorde entre os dois estados. Mas entre os dois povos não pode haver reconciliação nem acordo. Seja pois qual for a solução oficial da pendencia, é imprescindível que todas as grandes aspirações, todos os nobres sentimentos, todos os altos designios, todos os planos patrióticos, que agora se revelaram, se manifestaram, se elaboraram, tomem corpo, consistência e se formulem n'um generoso programa de restauração da nossa nacionalidade.

Embora a Inglaterra nos não ataque, embora no momento presente se tomem inutiles armamentos e preparativos belicos — não se descança n'esta propaganda patriótica.

E' necessário levar por diante esse supremo pensamento da subscritção nacional. E' necessário que militares e militares de contos corram n'uma torrente d'ouro e n'uma contribuição espontânea, para esse cofre, esse oratório cívico criado e decretado pela alma da patria. De o rico, de o remediado, de o pobre — deem todos os que temem nas veias sangue português, todos os que temem debaixo d'esta terra os ossos de seus pais e sentem ranger sobre ella, embalado, o berço de seus filhos. E de-se á larga, a grandes punhados de metal, como quem atira mós cheias de semente a uma leira ubérmana, borbulhando de força generativa! De-se a oídos fechados, que o futuro nos pagará centuplicado a nossa generosidade! Lembremo-nos que, com esta ideia, submettemos o nosso patriotismo a uma cotização! Por tudo quanto ha, pela nossa honra, pelas nossas tradições, pelo nosso nome — que essa cotização nos não envergonhe, que elle suba a uma altura tal que faça o esplanto do mundo e que, na historia dos sacrifícios nacionais, ao lado dos *cinq milliards* que a França, vencida, arreou com altrizes aos pés da Alemanha vencedora!

Mas ha mais.

Não basta restaurar a marinha, reorganizar o exercito, fortificar o paiz. O grande movimento nacional tem outra importantíssima missão a cumprir: emancipar-nos industrialmente do estrangeiro, nacionalizar o trabalho por uma radical transformação económica. Não basta deslocar de Londres para Paris, para Berlim, para Bruxellas, para New-York, os nossos mercados de abastecimento e consumo.

E' preciso resgatar para braços portugueses e para bolsas portuguesas o trabalho e os lucros, que o nosso desgoverno económico tem até hoje abandonado ao interesse e proveito do estrangeiro. Adaptemos á nossa política a formula de Monroe: Portugal para os portugueses. Ponhamos um travão á descomenda influencia exótica. Vivemos de nós e para nós. Nacionaissemos-nos. Expugnemos a vida portuguesa de toda a estrangeira corruptora do nosso carácter historico. Refaçamo-nos uns existências novas, inspirando-nos nas nossas tra-

dições, na nossa hereditariedade étnica, nos caracteres do gênio nacional. Estendamos, ampliemos este espírito de restauração nacionalista, da política aos costumes, da indústria e do comércio às artes e às letras. Sejamos de novo portugueses — com todas as eminentes, solidas e admiráveis qualidades d'esta raça privilegiada, tão privilegiada que por séculos, a si própria se julgou, um povo eleito de Deus — e foi de facto um instrumento do Destino!

Que amplio, que largo, que glorioso campo, ahí fica aberto e franco à actividade de toda uma geração! Como seria bello vêr lançados n'esta cruzada todos os nossos grandes nomes, todos os nossos grandes corações! Como seria bello vêr realizar-se gradualmente este sonho, tornar-se um facto este pensamento!

Ab! se, impelidos por este abalo patriótico que acaba de agitar o país, se dessem alguns passos, poucos que fossem, no caminho indicado — seria um dever de gratidão confessar que as violências britânicas foram para a nossas enfermidades nacionais uma bem eficaz e maravilhosa terapeuthica!

LUIZ DE MAGALHÃES.

BEATRICE

Amo-a tanto... Se a pallida conviva
De meus tardos festins soubesse ao menos,
Como eu sinto no peito a chama viva
D'aquelle amor que tem fataes venenos,

Se aquelles olhos de chorar cançados,
Mais cheios de uma luz que move e assombra,
Baixassem aos abyssos congelados,
Aos meus abyssos de insondável sombra,

E visssem quantas horas de agonia
Que instantes de cruel padecimento
Me traz o novo sol de cada dia,
De cada noite o funebre lamento;

Se aquellas mãos de marmore siderio,
Que Deus fez para as harpas do infinito,
Levantando a cortina do misterio
Podessem apalpar meu seio afflito;

Se ella, ascendendo ao formidavel cume
D'este vulcão de amor que nada acalma,
Visse as rubras crateras de ciúme
Que um sopro seu electrisou n'est'alma;

Se ella me visse occulto no arvoredo
Ou entre as multidões estrepitosas;
Do mar sobre algum ingremo rochedo
Ou d'aldeia nas varzeas silenciosas,

— Só para a ver no rapido intervallo
De dous segundos de ideal saudade,
De dous segundos em que em tremo e calo,
Medroso de que a absorva a Inmortalidade!

Se em cada lyrio que pendeu á sesta,
Em cada estrella que no alvor se apaga,
Em cada folha seca da floresta
Ou nos rubis da murmurante vaga,

Ella visse uma lauda mysteriosa
Do romance da nossa mocidade,
Singello, como a nuvem cér de rosa,
Mas triste como os crepes das orphandas;

Se eu podesse dizer-lhe como a amo,
Sem que ninguém me ouvisse a confidencia,
Mostrando-lhe um poema em cada ramo
E em cada ninho um leito de innocencia;

— Abyssada no gelo do Insondável,
Vergando em suas mãos a lei da sorte,
Dar-me-hia n'um abraço o Inenarravel
E n'um beijo, meu Deus, o Amor e a Morte.

ALFREDO CARVALHES.



A REVISTA DAS REVISTAS

A mensagem dos estudantes.

NÃO podemos deixar de não registrar na nossa Revista a mensagem enviada aos estudantes de todos os países signatários da conferência de Berlim, pelos estudantes de Lisboa, a propósito do conflito com a Inglaterra. É uma página escrita com grande vigor e sobre orgulho nacional, que faz imensa honra aos signatários...

CAMARADAS!

Ha na Europa um país, cuja vida histórica é digna e honrada. Este país, a que pertencemos, Portugal, acaba de sofrer o mais odioso ultraje. Este ultraje partiu de uma nação que tem por divisa: ser forte com os fracos e fraca com os fortes.

Vós conhecereis bem essa nação filha de piratas, pirata ella mesma, que tem vindo desde o princípio de seculo passado por guerras desleias crescendo e enriquecendo a custa dos outros povos.

Do todo o seu vasto império colonial, na extensão de 22 milhões e meio de quilometros quadrados, apenas 9 milhões (a Austrália) foram bem adquiridos. O resto foi tirado à nobre Espanha, à gloriosa França, à pacífica Holanda e ao país que n'este momento pretende humilhar.

Assim, em 1704, vendo a Espanha abatida com as guerras de sucessão, tomou-lhe Gibraltar. De 1713 a 1815 vós sabíeis que foi tirando à França a Terra Nova, Acadia (Nova Escócia, a baía de Hudson, o Canadá, as Antilhas francesas (também se apoderaram das espanholas); aos cavaleiros hospitalários tomou Malta, os holländexos o Cabo e Ceylão. Com a India aconteceu o mesmo; aqui foram franceses e portugueses os espoliados. Em 1840 coube de novo a sorte aos buers, que foram expulsos do Natal.

E todavia isto tudo não passa d'um resumo.

A história colonial inglesa é uma série de latrocínios e de assassinatos. A da metrópole não é mais sympathetic: a Escócia vive subjugada, a Irlanda esmagada. Eis o que é a Inglaterra. Um poço immenso deitado no Atlântico, sugando e agitando nos seus tentáculos os continentes e os mares.

Hoje é contra a África portuguesa que volta a sua cubanja.

Vós veríeis nos documentos juntos a quanto pôde descer o carácter d'um povo, cujo, único ideal é o dinheiro e sobretudo, o que mais importa, vêrás também a justiça da nossa causa.

Por ella luctamos perante vós para que instais e obtenhas de vosso governo que elle faga respeitar e cumprir pela Inglaterra o art. 12.º da conferência de Berlim.

Somos uma nação pequena mas temos tradições que havemos de sustentar e continuar. Entrámos na vida histórica no meado do seculo XII, erguidos nos escudos d'um punhado de guerreiros. Alargámos em seguida o mundo, indo os nossos navegadores arrancar a África a um esquecimento de dois mil anos. A própria Austrália, unica colónia inglesa de origem foi descoberta pelo português Godinho de Eredia, que em 1701 chegou ao Cabo Van Diemen. Abrimos para a Índia um caminho novo e largo, por onde o comércio e a civilização facilmente entraram. O Brasil nós o descobrimos e o navio que pela primeira vez, em 1520, se aventurou a correr as ondas do Pacífico levava a seu bordo como capitão um português, Magalhães. Estava feita a primeira circumnavegação do mundo. Estava demonstrada a esfericidade da terra. E ao abrir-se o livro de ouro da Renascença, lá aparece firmando o nome português, um dos maiores genios do mundo, Camões.

Enquanto estes factos se inscreviam na historia da humanidade, havia além da Mancha uma ilha sempre envolta em nevoeiros, rodeada de recifes, batida por um mar tempestuoso, e nas rochas das

sus costas de Cornouailles ao Sussex; pelo escuro da noite, hordas de sem selvagens ascendiam fogueiras em diferentes pontos, para onde os navios, dirigindo-se, davam á costa; depois caiam sobre a praia: Era o povo inglês!

E este o povo que hoje manda avançar as suas esquadras, as mesmas que recuaram deante da Alemanha e dos Estados Unidos, contra os portos de S. Vicente, Lourenço Marques e Lisboa.

Pois bem; encontrar-nos-há de p' com as armas na mão, prontos a combater.

Mas consentiremos vós, filhos de nome de nacionalidade que uma tal injustiça se commeta? Que o povo que tem do seu lado o direito, seja esmagado por um outro, só porque a este lhe apetece uma porção de território do primu'ro?

Não o acreditamos porque isto equivaleria a negar a consciencia humana.

Nós, estudantes da Europa, que representamos a parte mais viril e mais entusiasta das nações, e que bebemos no estudo o amor das nossas patrões, unamo-nos todos contra o inglês, este ladrão dos mares.

E' o que a academia de Lisboa, reunida em comício, e tendo recebido as adhesões de todos os estudantes portugueses, nos encarrega de vos transmitir.

Na esperança de que vós acolhereis favoravelmente o nosso pedido, enviamos a expressão do nosso reconhecimento e da nossa mais alta consideração.

HVICO DE SOUZA,
Presidente.

APPONSO DE LEMOS,
1.º Secretario.

FRANCISCO LEÃO,
2.º Secretario.

TSARINE PÓ DE ARROZ RUSSO
Adereçado, Enlatado, Conservado
PREPARADA POR VIOLET
26, BOUL. DES FILLES, PARIS

Sociedade d'artistas portugueses.

Recebemos á ultima hora, datada de Paris, a seguinte circular á qual damos gostosamente a publicidade da ILLUSTRAÇÃO.

A nossa revista está sempre do lado dos artistas, pugnando pelos seus interesses; e é por isso que vemos com prazer, que elles se querem unir e formar uma sympathetic corporação, digna dos aplausos de todos quantos se interessam polas prosperidades da Arte em Portugal.

O que desejamos sinceramente é a união de todos, que todos fraternalismos n'este mesmo pensamento de solidariedade artística, para que se acabe por uma vez com as comicas rivalidades da geração, de escolas e de terras...

Em França, onde os artistas encontram todo o auxilio do Estado e todo o apoio do público inteligente, onde os artistas são numerosos e a produção artística a mais bela que ha no mundo, — o facto de haver agora dois grupos, dois salões rivais, começa já a causar apprehensões ao Estado, ás Academias e á Crítica... Não serão estas rivalidades entre artistas eminentes um perigo constante para a Arte francesa?

Em Portugal, divisões seriam a morte d'esta nascente curiosidade do publico e do Estado para com os artistas e as obras d'arte.

Que todos se unam! Que todos fraternalismos! E serão ouvidos e attendidos nas suas reclamações pelos poderes constituidos.

Eis a circular:

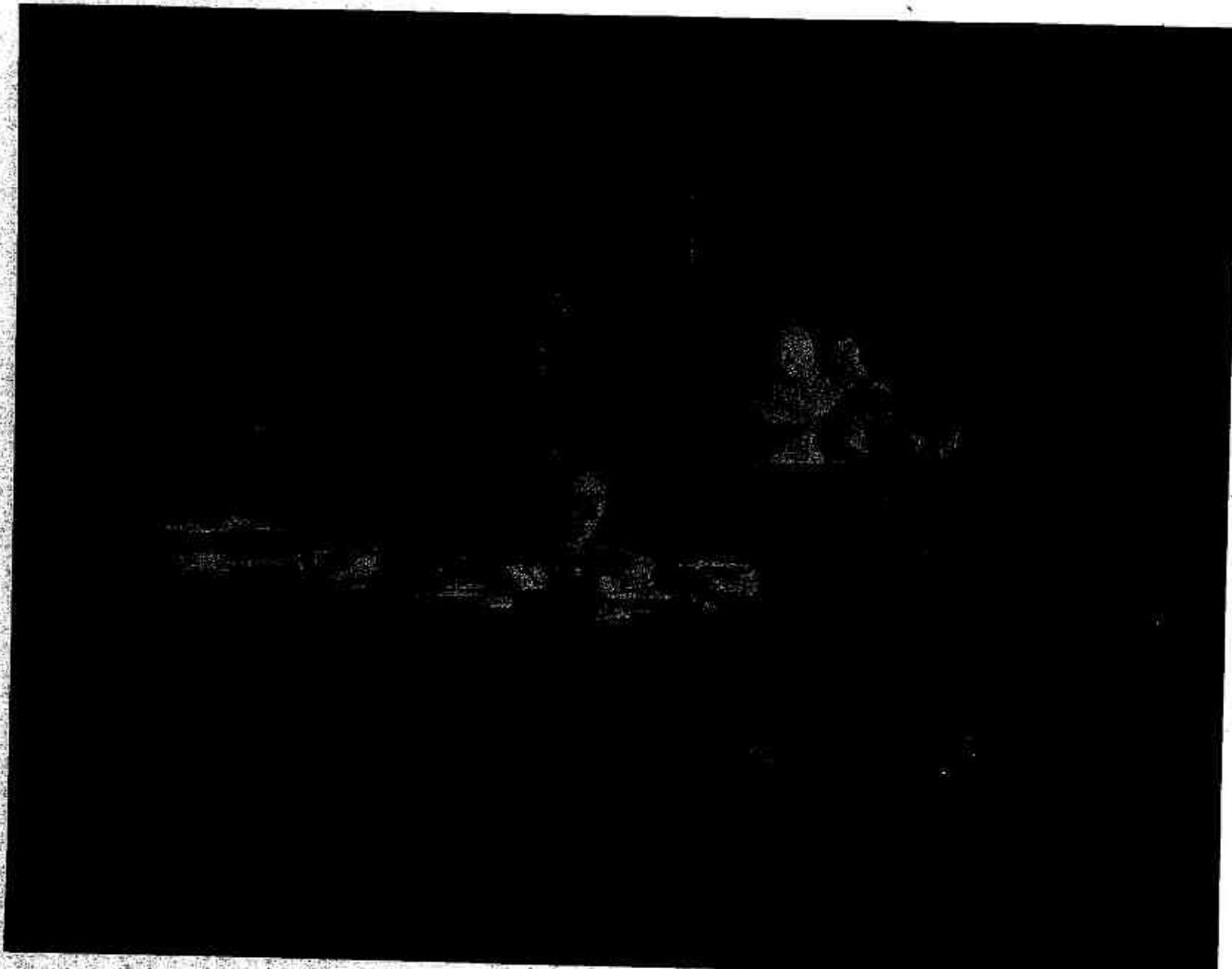
Exmo Sna.

O grupo d'artistas, abaixo assinados, tem, por esta forma, á honra de se dirigir a V. Ex.º no intuito de obter a sua publicação, para uma sociedade composta de todos os artistas portugueses que tem por fim, não só zelar os interesses da arte e das artistas do nosso país como tratar de desenvolver, por todos os meios ao alcance da sociedade, o conhecimento e o gosto pela arte.

Neste momento, estamos convencidos, faz-se sentir entre nós, a falta de uma sociedade organizada sobre essas bases e que, como em quasi todos os países, tem de promover exposições de belas artes e espalhar uma instrução artística que inicie no publico um critério justo e o amor pela arte.



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS MUSICOS ARAGONEZES NO PAVILHÃO HISPANOL DO CAIS D'ORSAY.



CELEBRAIDADES PARISIENSES. — FRANCISQUE SARCEY NA SUA SALA DE TRABALHO.

Como V. Ex.º sabe, sociedades idênticas e estabelecidas, como acima dizemos, em quais todos os países cultos, são reconhecidas pelos governos das respectivas nações como de utilidade pública e recebem d'elles toda a força e ajuda de que são dignas pelos seus fins altamente patrióticos e justos.

Estamos convencidos que o nosso empenho em estabelecer em Portugal uma sociedade idêntica encontrará no animo de V. Ex.º, que sempre se tem mostrado tão dedicado pela arte, plena aprovção e esperamos que será com verdadeiro prazer que todos os artistas nossos compatriotas se juntarão a nós, ajudando-nos a realizar uma ambição tão justa e que todos quererão compatriotizar da glória da vez realizada.

E' justamente de comunidade de idêntica entre nós todos e a importância dos fins a que nos propomos que esperamos tirar a força suficiente para que os poderes públicos e o públ. nos deem a seu turno a ajuda e o encorajamento de que carecemos.

Comencaremos pois por esperar a adesão de V. Ex.º a quem por ignorância de direcção não tinhemos enviado a presente circular para em seguida submettermos à aprovão de V. Ex.º os estatutos da nossa futura sociedade, que no actual momento estamos elaborando.

RODRIGO SOARES, COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO, SÍMÉS D'ALMEIDA, RAFAEL BORDALLO PINHEIRO, ERNESTO CONDEIRA, ALBERTINA FALKER, ALFREDO NUNES, JAYME VERDE, SOUZA PINTO, MARQUES DA SILVA, JOSÉ DE BRITO, SALGADO, THOMAS COSTA, JOSÉ MOURA RATO, JOSÉ DA SILVA PEREIRA, MARQUES D'OLIVEIRA, JOSÉ ANTONIO GASPAR, BEBRARES, VENTURA TEIXEIRA, JOSÉ LUIZ MONTEIRO, CARLOS REIS, DIANTE MATA, ABRAO BERNHDES TEIXEIRA LOURES, ARTHUR MELLO.

O Brazil

Tudo quanto diga respeito ao Brazil interessa hoje toda a Europa, e particularmente todo o público português. A revolução de 15 de novembro e a proclamação da República fizeram do Brazil o país na ordem do dia, e todos desejam conhecer a sua verdadeira grandeza, o seu estado de adiantamento e de progresso. Ora ácerca do Brazil, tal qual ele hoje é, encontramos no nosso colega o *Seculo* de Lisboa, dados interessantíssimos que passamos a transcrever.

O Brazil tem vinte províncias e um município neutro — o do Rio de Janeiro. Quatro destas províncias são interiores — Amazonas, Matto Grosso, Goyaz e Minas Geraes, — e seis marítimas — Paraíba, Maranhão, Piauui, Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Sergipe, Alagoas, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

A sua superfície é superior à dos Estados Unidos, que tem 8.328.000 quilómetros quadrados; o Brazil mede 8.377.518, o que representa 85 p. c. da superfície de toda a Europa. A Russia da Europa com a Polónia ocupa, apenas, 5.086.000 quilómetros quadrados, menos de dois terços do território brasileiro; a vasta república Argentina não tem mais que 2.835.008, um terço, aproximadamente, da superfície do Brazil.

Algumas das suas províncias são mais vastas do que os principais Estados da Europa: A mais pequena — Sergipe — cuja superfície mede, apenas, 3.000 quilómetros quadrados, é maior que a Dinamarca, Países Baixos, Bulgária, repúblicas do Haiti, San-Salvador, e muitos outros Estados. A do Amazonas, a maior, mede 1.897.000 quilómetros, três vezes e meia maior que a França ou a Alemanha.

A província do Amazonas divide-se em quinze municípios; cada um d'elles é, em média, maior que Portugal, Baviera, Grécia ou Bulgária, etc. As províncias de Matto Grosso (1.379.000 k.º), Paraíba (1.149.000 k.º), Goyaz (747.000 k.º), Minas Geraes (574.000 k.º), Maranhão (459.000 k.º), Bahia (k.º 426.000), são, as primeiras, duas ou três vezes tão vastas como os principais Estados da Europa, não entrando a Russia, a ultima é 50 por cento maior que a Itália.

Só o ponto de vista da imigração, em 1882 o numero de individuos elevou-se a 29.197; em 1883 a 28.670; em 1884 a 20.087; em 1885 a 30.135; em 1886 a 25.741; em 1887 54.990; em 1888 a 98.495.

Em 1887 entre os imigrantes havia: 1.4245 italiani, 1.3785 portugueses, 2.656 espanhóis, 1.987 alemães, 404 austriacos, 204 franceses, 282 belgas, 166 ingleses, 168 americanos e 20.930 de diversos países.

No mesmo anno de 1887 a imigração europeia pelos portos do Rio de Janeiro, Santos, Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Bahia e Paraná, elevou-se a 54.990 individuos; em 1888, só pelos portos do Rio e de Santos, elevou-se a 131.205.

Como se vê a corrente mais pronunciada, exceptuando Itália, é a de Portugal.

O Brazil deve nos muitos braços, muitas energias e actividades. Os portugueses tem contribuído em todas aquellas vastas províncias, com o seu trabalho aturado e com a sua poderosa iniciativa, para o engrandecimento e civilização d'aquele parte da América. Ainda hoje, milhares de famílias tem os seus destinos pesos ao torrão brasileiro, e milhares de compatriotas nossos colonizam e engrandecem a nova República.

Os portugueses são para o Brazil uma classe especial de colonos, que não buscam só as cidades para exercerem a sua poderosa actividade. Vão ao norte da república, a esta parte que mais se approxima do equador, inhabitável para quasi todos os europeus por causa do seu clima torrido, e ali encontram os nossos, montejando, colonizando, alargando a sua acção commercial e agrícola. Sem elles seriam completamente infrutíferas todas as tentativas de colonização n'estas paragens.

A população do Brazil é computada em 14 milhões de habitantes, o que equivale a 1.67 habitantes, por quilómetro quadrado, enquanto que em França a proporção é de 71 e em Itália de 100.

São grandes as diferenças de intensidade nas diferentes províncias; no município neutro do Rio de Janeiro, por exemplo, a população é de 291.96 habitantes por quilómetro quadrado, na província do Amazonas é de 0,04, Ceará 9,13, Rio Grande do Norte 5,37, Parahyba 6,64, Pernambuco 8,83, Matto Grosso 0,06 Alagoas 7,85 Rio de Janeiro (província) 16,88, Minas Geraes 5,25, Piauui 0,88, S. Paulo 4,94, etc.

Não está bem desfringada ainda qual é a proporção dos negros na população. Em 1872 havia recentemente 1.510.000 escravos, e estatísticas davam conta de 8.429.000 homens livres; é sabido que nem todos os negros são escravos.

Segundo as ultimas indicações, pôde admitir-se que nos 14 milhões de habitantes ha 2 milhões a 2 milhões e meio de negros ou mulatos. A população selvagem é computada em 600.000.

As cidades mais importantes são Rio de Janeiro com 377.331 h., Bahia 140.000, Pernambuco 130.000, Belém 40.000, S. Paulo 40.000, Porto Alegre 40.000, Maranhão 35.000, Ouro Preto 20.000.

Em 1831-1832 as rendas públicas subiam a 31 milhões e meio de francos; em 1840-1841 elevaram-se a 45 milhões e meio; em 1871-1872 atingiram 286 milhões; em 1877-1878 passaram de 344 milhões e em 1889 acham-se em 410 milhões.

A dívida pública no 1.º de janeiro de 1889 subiu a cifra de 1.146.512.926 francos, sendo a dívida interna de 184.663.170 e a dívida externa de 951.847.750.

As despesas, segundo o orçamento para 1890, elevam-se a 378.049.500.

Quanto à instrução, actualmente, o numero de escolas primárias, públicas e particulares, em toda a república não é inferior a 7.500, freqüentadas por 300.000 creanças. O ensino primário é gratuito.

O ensino secundário oficial em 1884 tinha em todo o Brazil (exceptuando a capital) 292 estabelecimentos, com 1.248 cadeiras e 10.427 alunos; a par de numerosos estabelecimentos de ensino particular. Nestas escolas dali-se grande importância ao ensino das línguas vivas.

Os principais estabelecimentos de ensino superior são: duas faculdades de direito em S. Paulo e Recife; duas faculdades de medicina no Rio de Janeiro e Bahia; a Escola Politécnica no Rio de Janeiro, e a Escola de minas em Ouro Preto.

A produção do ouro

A extração do ouro deve dar para 1889 um total de 500 a 525 milhões de francos. As maiores quantidades são produzidas nos Estados Unidos, come-

çando pelas minas da California e da Colombie; na América do Sul, pelos Estados do Brasil, do Mexico, de Venezuela e da Republica Argentina. Depois vem o Canadá, a Australia e as Indias, que devem ter produzido no anno findo cerca de 3.250.000 francos. Da África austral, cuja riqueza é bem conhecida e onde a especulação se eleva cada vez mais, as exportações de ouro vêm subido sucessivamente, em 1886, a 1.738.575 francos; em 1887, a 3.230.550 francos; em 1888, a 5.899.250 francos; e em 1889, segundo as previsões, podem ser avaliadas em 18.750.000 francos.

A imprensa nacional

Os rendimentos da imprensa nacional e *Diário do Governo*, tem sido os seguintes nos annos abaixo indicados :

1877-78, contos de reis.....	165
1878-79	—
1879-80	—
1880-81	—
1881-82	—
1882-83	—
1883-84	—
1884-85	—
1885-86	—
1886-87	—

E as despesas?

Para 1889-90 foram calculadas as seguintes :

Administração.....	7.046.000
Oficinas — ferias.....	98.000.000
— papel, material, etc.	86.500.000
<i>Diário do Governo</i>	18.800.000
Diversas despesas.....	2.620.000

Total, reis..... 222.348.000

Para este mesmo anno de 1889-90 as receitas são calculadas em 231 contos. Se as receitas chegarem a esta verba, e as despesas não aumentarem, haverá um lucro de 10 contos de réis.

Estatística dos jornais

Encontramos no *Livre* de 18 de agosto ultimo alguns apontamentos sobre a Estatística dos jornais do mundo. O paiz da Europa que está em primeiro lugar pelo numero de periodicos que edita é a Alemanha (5.500, sendo 800 quotidianos); depois a Inglaterra (3.000, sendo 800 quotidianos); a França (2.819, sendo 700 quotidianos); a Italia (1.400, sendo 170 quotidianos); a Austria-Hungria (1.200, sendo 150 quotidianos); a Espanha (800, sendo um terço periodicos); Russia (800); a Suíça (450), etc. O total dos jornais impressos na Europa é de 30.000. A Ásia conta 3.000 publicações periodicas, sendo a maior parte do Japão e das Indias inglesas. Publicam-se 200 em África. A Imprensa europeia fica bem atrás d'América. Os Estados Unidos publicam 12.500 jornais; o Canadá 700. E' grande também o numero de periodicos australianos. Segundo os cálculos da estatística deve existir um jornal para 82.600 pessoas.

PARIS

30, Rue Montoloue, 30

GRAND HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL

No centro de Paris, perto da Ópera, das principais estações de ferro, dos boulevards e das principais ruas portuguesas e portuguesas. Este hotel é dirigido por proprietários brasileiros. E' mais concorrido e profícuo pelos viajantes brasileiros e portugueses, em razão da simplicidade de preços e das comodidades que oferece.

LAPERLÉ.

As doenças do estomago e digestões difíceis tratadas pelo **ELIZIR GREZ** são curadas em muito poucos dias, o que explica o imenso sucesso d'este preparado empregado nos hospitais e receitado quotidianamente por todos os médicos.

PARFUMERIA MEDICIS Essencias, sabonetes, pós, etc., OGÉR, 6, Boulevard de Strasbourg, Paris.

SUSPENSÓRIOS MILLERET, clássicos e sem passadeiras. *Le Gonidec*, 49, r. J.-J.-Rousseau, Paris, 18.

